

## DESCARTES: A DÚVIDA E SUAS DÍVIDAS<sup>1</sup>

José Gonzalo Armijos Palacios<sup>2,3</sup>

[gonzalo.armijos@gmail.com](mailto:gonzalo.armijos@gmail.com)

**Resumo:** O artigo discute passagens importantes da obra de Santo Agostinho e argumenta que muitas são as antecipações de teses comumente atribuídas a Descartes. Entre elas, uma clara antecipação à célebre fórmula “penso, logo existo” na obra do Bispo de Hipona, assim como de outras teses importantes distribuídas ao longo de sua obra. Na segunda parte, culmina o texto com outro dado praticamente desconhecido: o fato de que o estilo meditativo empregado por Descartes também já fora antecipado por uma autora cuja obra era amplamente conhecida na Europa da metade do século XVI e do século XVII. Trata-se da freira Teresa D’Ávila que fora canonizada quando o jovem Descartes estudava com os jesuítas em La Flèche. Levanta-se, assim, a necessidade de repensarmos a historiografia acadêmica à que a maioria de nós fomos submetidos quando iniciamos os estudos filosóficos sem termos sido expostos às verdadeiras fontes das teses centrais que encontramos em muitas obras clássicas do pensamento filosófico.

**Palavras-chave:** Santo Agostinho, Teresa D’Ávila, Descartes.

---

<sup>1</sup> Recebido: 05-05-2023/ Aceito: 06-06-2023/ Publicado on-line: 28-06-2023.

<sup>2</sup> É professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Cidade de Goiás, Goiás, Brasil.

<sup>3</sup> ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7360-6707>.

O que aqui apresento faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre as dívidas entre filósofos. Dívidas que marcam e caracterizam a filosofia desde seu início.

Assim, é amplamente conhecido o fato de o considerado Pai da Filosofia Moderna ter tomado “emprestada”, por assim dizer, uma frase que seria uma das mais famosas da filosofia: “penso, logo existo”, frase talvez só igualada por aquela atribuída a Sócrates de “só sei que nada sei”. O objetivo dessa pesquisa mais ampla acima mencionada, é refletir sobre algumas características da filosofia que, efetivamente, têm sido parte de uma das minhas preocupações filosóficas centrais, e que originalmente motivou o evento *Eu Penso*, pois observei como algo permanente aquela relação combativa que resulta tão própria da natureza do filosofar. Aquela discordância original entre os que iniciaram o que chamamos de filosofia, nos primeiros filósofos gregos, os pré-socráticos e, especificamente, Tales, Anaximandro e Anaxímenes, vai marcar o trabalho filosófico desde os antigos gregos até hoje.

Penso ser pertinente aqui fazer algumas considerações sobre a atitude do Aristóteles, muito comentada e reconhecida por grandes comentaristas, como Giovanni Reale, e que mostra claramente um traço comum entre os filósofos: a tendência marcante a sobrevalorizar as próprias ideias. É conhecida demais, assim como frequentemente comentada, a atitude de Aristóteles quando fala sobre seus antecessores. Ele faz uma clara diferença entre os que defenderam teses ou teorias que concordam com suas posições, aos que destaca, e os que se afastam do que ele próprio pensava e que, por isso, os considera, em alguns casos, pensadores ‘toscos’. Aristóteles explica e organiza as teorias do passado tendo como

critério valorativo suas próprias convicções.

Isso, obviamente, não diminui em nada a grandeza de seu pensamento, suas grandes contribuições em várias áreas, a magnificência de sua obra nem as agudas e brilhantes críticas, por exemplo, a seu mestre Platão.

Mas, de alguma maneira, sua atitude antecipa o que depois ocorreria na construção da história da filosofia: a negação de toda uma época, a obliteração de um período de grandes pensadores e obras que são verdadeiros marcos na história do pensamento humano, como é a época medieval e os pensadores medievais. Com efeito, eles foram apagados pela ideologia iluminista que quis todos os holofotes para ela ao preço de escurecer e menosprezar o passado, o que, aliás, levou a chamar uma época de grandes conquistas teóricas de “Idade das Trevas”.

Só que, ao analisarmos e lermos com atenção o que os medievais produziram e compararmos com o que encontramos nas *Meditações*, a suposta originalidade absoluta das teses cartesianas cai por terra. Ocorre que o considerado iniciador de toda uma época e uma nova forma de fazer filosofia, Descartes, tomou emprestado, sem dar o devido crédito, ou mesmo sem dar absolutamente nenhum crédito, a pensadores como Santo Agostinho, Santo Anselmo e Santo Tomás. De um tomou emprestada uma frase que é talvez uma das mais conhecidas, não só da filosofia, mas da cultura humana: “penso, logo existo”; do outro reproduziu com outras palavras um argumento para completar uma visão que é considerada a responsável pelo nascimento de toda uma época, a época moderna e, especificamente, a filosofia moderna, e do terceiro, ideias que empregou nas suas provas da existência

de Deus.

Para não tornar o artigo longo demais, não vou reproduzir as teses de Descartes nas *Meditações*, leitura obrigatória de praticamente todos os estudantes e estudiosos de filosofia, para reproduzir as teses de Agostinho, com o qual vai ficar clara a importância que efetivamente o Bispo de Hipona representou para o filósofo moderno. Na reprodução dessas passagens irão ficando claros quais foram esses “empréstimos”.

Uma afirmação de Descartes sempre me chamou a atenção. É a tese de que o conhecimento de mim mesmo só acontece pela ação divina, como algo posterior. Ela tem esta antecipação exata nas *Confissões* do Agostinho:

Eu, porém, embora me rebaixe diante de ti e me considere terra e cinza, todavia sei algo de ti, que não sei de mim. [...] Confessarei então o que sei de mim, confessarei também o que não sei de mim, porque, o que sei de mim, o sei pela tua iluminação, e o que não sei de mim, não o saberei até que minhas trevas se tornem como o meio-dia no teu rosto. (2017a, p. 202; Livro X - V, 7)

Noutras palavras, o próprio conhecimento de mim mesmo ou das minhas propriedades depende de um conhecimento prévio de alguma propriedade divina ou chego a esse conhecimento por meio de algum atributo ou ação do próprio Deus, o que, como conhecimento, me resulta anterior.

Outro aspecto central, e um dos mais conhecidos do pensamento cartesiano, é a suspensão do juízo. Ela consiste em não afirmar nada até não ter um meio para se reconhecer o falso do absolutamente verdadeiro. Só que esta tese metodológica já se encontra em Agostinho. Sobre suspender o juízo, o bispo de Hipona diz:

Apliquei-me então energicamente para ver se podia de alguma maneira, por provas certas, demonstrar a falsidade das teorias maniqueístas. [...] Assim, resolvi que deveria abandonar os maniqueus e *duvidar de tudo* [meu grifo], flutuando entre todas as escolas, segundo a atitude que se costuma atribuir aos acadêmicos, e julguei que nessa fase de dúvida não deveria permanecer numa seita [frente] à qual já preferia muitos filósofos. (2017a, p. 105; Livro V, 25)

Já em *A cidade de Deus* encontramos a antecipação de, talvez, a mais famosa das teses atribuídas a Descartes como obra sua. Continuando sua argumentação contra os céticos, diz Agostinho:

Tais verdades desafiam todos os argumentos dos acadêmicos, que dizem: Quê? E se te enganas? Pois, se me engano, existo. [*se enim fallor, sum*]. Quem não existe não pode se enganar; por isso, se me engano, existo. Logo, se existo, se me engano, como me engano, crendo que existo, quando é certo que existo, se me engano? (2017b, p. 68)

Noutras palavras: se me engano, ou seja, se penso de forma equivocada, então existo, porque não posso pensar de forma equivocada sem existir. Linhas depois ele acrescenta que se existe, sabe que existe. Assim, conhece tanto que existe como conhece que conhece. Possui, então, duas certezas, a da própria existência e a de um conhecimento absoluto. Assim, sabe absolutamente que existe, mesmo se enganando sobre o que for que seja, e, em segundo lugar, sabe absolutamente que tem um conhecimento incontestavelmente verdadeiro. Essa sequência vai reaparecer nas *Meditações*, pois, uma vez alcançada a primeira certeza, Descartes vai ir explicitando todas as outras verdades contidas na primeira verdade.

Outra das grandes questões cartesianas descansa no seu célebre dualismo, o da oposição entre corpo e alma. Na *Vida*

*Feliz*, Agostinho discute sobre o conhecimento de precisamente essa oposição:

– Será evidente a cada um de vós, que somos compostos de alma e corpo?

Todos foram concordes, exceto Navígio, que declarou não saber.

– Mas, disse-lhe eu, pensas que ignoras tudo em geral, ou essa proposição é uma entre outras coisas que desconheces?

– Não creio que sou totalmente ignorante, respondeu ele.

– Podes, pois, dizer-nos alguma coisa do que sabes?

– Sim, posso.

– Se isso não te incomoda, diz-nos, pois. E como ele hesitasse, interroguei:

– Sabes, pelo menos, que vives?

– Isso eu sei.

– Sabes, portanto, que tens vida, visto que ninguém pode viver a não ser que tenha vida?

– Isso também sei.

– Sabes, igualmente, que possuis um corpo? Ele concordou.

– Sabes, então, que constas de corpo e vida?

– Sim, todavia tenho dúvidas se não existe alguma coisa a mais do que isso.

– Assim, não duvidas destes dois pontos: possuis um corpo e uma alma. Mas estás em dúvida se não existe outra coisa que seria para o homem um complemento de perfeição. (1988, p. 62)

Aqui aparece um dos problemas que Descartes tinha de resolver. Pois a conclusão de que a existência do corpo é tão clara como a do espírito não se segue do diálogo, e Descartes se viu obrigado a resolver o passo da evidência do conhecimento da existência, do fato de se saber espírito, para o conhecimento posterior do corpo. De qualquer forma, se ao ler nas *Meditações* nos chama a atenção a origem dessa oposição, ao lermos Santo Agostinho vemos exatamente qual é a motivação para introduzir essa separação.

Nos *Solilóquios*, temos um diálogo que antecipa a questão da certeza do próprio pensamento. Vejamos o diálogo:

Tu, que queres conhecer-te a ti mesmo, sabes que existes?  
Sei.  
De onde sabes?  
Não sei.  
Sentes-te como um ser simples ou múltiplo?  
Não sei.  
Sabes que te moves?  
Não sei.  
Sabes que te pensas?  
Sei.  
Portanto, é verdade que pensas.  
Sim. (AGOSTINHO, 1988, p. 27)

Este diálogo é muito próximo daquela parte em que Descartes, depois de saber incorrigivelmente que existe, ainda reconhece que muitas coisas desconhece, como não saber se tem corpo, se há um mundo exterior etc. Mas, novamente, aparece, em outro texto, em outro diálogo, a tese da certeza do próprio pensamento e da própria existência.

Já em *Da Trindade*, Agostinho reproduz, de outra forma, o argumento da certeza de si:

Deixemos de lado as coisas que chegam à nossa alma pelos sentidos do corpo, coisas das quais muitas imagens são, na realidade, diferentes do que aparece. De tal modo que um insensato levado por essas falsas aparências, pode-se julgar com boa saúde mental, quando na verdade não a possui. É o que acontece com a filosofia acadêmica que de tal maneira tomou força que, duvidando de tudo, entregou-se a exageros com tanta maior infelicidade. Repito que, excetuadas as coisas que chegam a nós pelos sentidos, quantas outras restam que conhecemos com certeza, como, por exemplo, o fato de sabermos que estamos vivos. Neste pormenor, não tememos absolutamente ser enganados por falsa verossimilhança, pois aquele mesmo que se engana,

vive, e também tem certeza disso. (1994, p. 406; livro XV, capítulo 12; Refutação dos filósofos da Nova Academia, 21b.)

Mas uma vez aparece, em outra obra, uma passagem em que se insiste no fato de termos conhecimentos incorrigíveis, indubitáveis. Além disso, vemos antecipado o desprezo dos sentidos como fonte do conhecimento, essencial ao racionalismo cartesiano.

Em *A religião verdadeira*, e falando explicitamente das regras do intelecto para aplicá-las no nosso conhecimento da verdade, diz Agostinho:

Después la misma regla que ves, concíbela de este modo: todo el que conoce su duda, conoce con certeza la verdad, y de esta verdad que entiende, posee la certidumbre; luego cierto está de la verdad. Quien duda, pues, de la existencia de la verdad, en sí mismo halla una verdad en que no puede mellar la duda. (1984, p. 161)

Em, *De duabus animabus contra Manichaeos*, diz:

Deixemos aquela distinção entre coisas inteligíveis e sensíveis de lado por enquanto [...]. Permitti que eu saiba que vivo, permitti que eu saiba que eu quero viver. [...] Nem quando conseguimos a posse deste conhecimento há aí alguma ocasião para temer, a menos que alguém nos convença de que podemos estar enganados; pois ninguém pode estar enganado respeito de não estar vivo, ou querer nada. (AGOSTINHO, 1890, p. 142)

Em síntese, a tese da certeza da própria existência perpassa a obra agostiniana, não é uma tese isolada, dita de passagem. Ela representa um dos pilares da posição de Agostinho que resulta de um dos maiores problemas que ele enfrentou e que foi, precisamente, a refutação do ceticismo defendido pelo maniqueísmo.



Até aqui fiz um rápido levantamento de trechos das obras de Santo Agostinho que se espalham ao longo de sua produção intelectual. As passagens citadas se encontram em, *Contra Academicos* e *De beata vita*, de 386; *Soliloquorum*, 386-387; *De Libero Arbitrio*, 388-395; *De duabus animabus contra Manichaeos*, 392-393; *Confessiones*, 397-401; *De Trinitate*, 399-419, e *De civitate Dei*, 413-427, o que abrange um período de 41 anos, noutras palavras, a obra de uma vida inteira e que só terminou com sua morte (Agostinho faleceu em 430).

Podemos ver claramente que a influência de Agostinho não se reduz a uma pequena frase, a uma tese isolada, e sim ao conjunto de toda sua obra, isto é, de uma preocupação intelectual que abrange a vida toda do Bispo de Hipona, e não a apenas um período ou a uma ou duas obras.

Tenho deixado de lado, para não me alongar demais, a óbvia dívida, reconhecida desde a época de Descartes, da prova de Deus de Santo Anselmo, conhecida como o argumento ontológico. Deixei de fora, também, as Cinco Vias da prova da existência de Deus de Santo Tomás, que estão presentes nos argumentos das *Meditações*.

Descartes é conhecido na academia por não ter sido muito inclinado a reconhecer as fontes das quais bebeu. E ele mesmo se apresentou como uma espécie de precursor que desbravou caminhos sem se apoiar na tradição filosófica. Sabemos que não é assim. E podemos nos perguntar: “mas será que foi uma coincidência que Descartes tenha reproduzido coisas que foram escritas muito tempo atrás? Talvez ele mesmo não sabia ou talvez não tivesse lido esses autores”.

Vejam os que diz Stephen Menn, no seu livro *Descartes and Augustine*:

*On the face of it, Descartes' philosophy bears many resemblances to the thought of Augustine. Indeed, we know of several people who within Descartes' lifetime were sufficiently struck by these resemblances to call them to Descartes' attention. Prominent among these was Antoine Arnauld, the intellectual leader of the Jansenist movement: throughout his long life (1612-94) an upholder of the doctrine of Augustine on all questions, he was also, from his first reception of the manuscript of the *Meditations* in 1640, to be strongly attracted to the philosophy of Descartes because of the connections he saw between this and Augustine. In the *Fourth Set of Objections* which Arnauld sent to Descartes, he finds the *relation to Augustine to be the most remarkable thing about the Meditations...* (p. 4)*

Descartes in his reply (AT VII,219) briefly thanks Arnauld for the citation from Augustine, and moves on to other business. (p. 5)

[A]nd we must reflect critically on what we mean in speaking of an Augustinian "influence" on Descartes, who claims to construct a new philosophy using only his own reason, without any appeal to authority. (1998, p. 4)

Além da dívida não reconhecida às muitas passagens da obra de Agostinho, há outra omissão importante. A filósofa norte-americana Christia Mercer publicou faz poucos anos um artigo com este título: “Descartes' debt to Teresa of Ávila, or Why we should work on women in the history of philosophy”. Mercer afirma:

The author of the *Meditations* (1641) is merely giving a new spin to a common rhetorical device. Equally surprising is the fact that Descartes' epistemological rendering of the demon trope is probably inspired by a Spanish nun, Teresa of Ávila (1515-1582), whose works have been almost entirely ignored by historians of philosophy, although they were a global phenomenon during Descartes' formative years. (2016, p. 2)

Christia Mercer chama nossa atenção para outro fato que no ensino acadêmico de filosofia se passa por alto e tem

a ver com o gênero literário das *Meditações*. Com efeito, essa obra se insere no que na sua época era um gênero literário independente. Descartes pareceria inaugurar muita coisa, como o próprio gênero meditativo. Mas o gênero meditativo já estava muito bem estabelecido na cultura europeia desde seu início, na época medieval, com pensadores como o próprio Agostinho. Os historiadores quiseram encontrar as fontes da influência de Descartes em Ignácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, mas não há muito em comum entre eles. Contudo, deixaram de fora a freira espanhola Teresa D'Ávila, que era uma autora consagrada e teve uma enorme influência na Europa da segunda metade do século XVI e no século XVII. Pela sua filiação religiosa e pela proximidade com a Companhia de Jesus, era uma leitura obrigatória no ensino dos estabelecimentos religiosos e, particularmente, dos jesuítas, como La Flèche. A obra de Teresa D'Ávila em que reflete sobre meditação é *El castillo interior*, publicada em 1588, várias décadas antes da publicação do *Discurso do Método* e das *Meditações*.

Christia Mercer levanta uma questão que a responde imediatamente:

Our original question was: how did we miss something so important as the fact that Descartes' most famous work relies on a well-established genre and that his deceiver strategy bears an evident similarity to Teresa of Ávila's? The answer to the question is shockingly simple: historians have missed Descartes' debt to the meditative tradition in which Teresa occupies such a prominent place because they have ignored the women who might have influenced him. (2016, p. 5)

O artigo da filósofa Christia Mercer teve retornos imediatos, como alguns artigos que podemos encontrar em

revistas e publicações online, com títulos como os que cito a continuação. Na página web “La Piedra de Sísifo” encontramos este artigo de Alejandro Gamero: “La originalidad que Descartes le robó a Santa Teresa de Jesús”. No artigo lemos:

Incluso para alguien que no tiene ni idea de filosofía, Descartes es un nombre conocido, aunque sea por su célebre frase «pienso, luego existo». Generalmente se considera a René Descartes el padre de la filosofía moderna. Un filósofo original que supuso una ruptura con los pensadores anteriores y que, a través de su búsqueda del conocimiento en el individuo, sentó las bases de la modernidad. Eso es lo que se nos decía en el discurso oficial. Sin embargo, la profesora de filosofía de la Universidad de Columbia Christia Mercer puso en duda el año pasado esa versión de la historia en un artículo publicado en *Philosophical Studies*. (GAMERO, 2017)

O que é verdade. Eu mesmo e todos os que nos dedicamos à filosofia acho já ouvimos essa caracterização quando começamos a estudar o pensamento moderno ou Descartes.

Em outra página web, a “Quartz”, Olivia Goldhill, no seu artigo “One of Descartes’ most famous ideas was first articulated by a woman”, afirma:

The 17th century thinker René Descartes is seen as the father of modern philosophy: A man who was entirely original, whose work marked a clear divide from earlier thinkers, and who laid the foundation for modern thought with his focus on self-knowledge of the individual mind.

But that narrative is “unquestionably false,” says Christia Mercer, a philosophy professor at Columbia University. Indeed, “people in his period did not think Descartes was the father of anything,” she adds. Though the philosopher was renowned in his day for his work on physics and natural philosophy, it wasn’t until the 19th century that historians portrayed Descartes as a major break with the past. This idea has endured in part because, while historians searched for the great male thinkers who might have influenced Descartes’ ideas, they

missed the female philosopher who came before him: Teresa of Ávila. (GOLDHILL, 2017)

No Columbia Magazine encontramos o seguinte texto com esta provocativa manchete de David Craig, “She Thinks, Therefore I am”. No seu texto, Craig afirma:

Did the father of modern philosophy actually borrow his most influential ideas from a Roman Catholic nun? He is considered the father of modern philosophy, a daringly original thinker and fierce rationalist who ushered in the Enlightenment by proposing that human reason is the foundation of all knowledge. But was René Descartes really the innovator he has been made out to be? Christia Mercer, a Columbia philosophy professor, thinks not. (2017)

Na página web Philosophy Now encontra-se o artigo “Teresa de Ávila (1515-1582)”. O autor do artigo, Terence Green, de Nova Zelândia, após uma rápida nota biográfica de Teresa de Ávila, conclui:

The Jesuit-educated Descartes would certainly have been familiar with *El Castillo Interior*. We cannot know exactly how much it influenced his thinking, but it’s a nice thought that the Father of Modern Rationalism was shown the way by a mystic and a saint. (2020)

Em síntese, são inúmeras as antecipações textuais das posições que Descartes defende no *Discurso do Método* e nas *Meditações*. Não é apenas, como já é bem conhecida, a proximidade entre um dos argumentos da existência de Deus e o famoso argumento ontológico anselmiano. Como é possível ver nestas páginas, as proximidades são as mais variadas e têm a ver com a certeza da própria existência, com a evidência maior do espiritual e racional, com o dualismo entre corpo

e alma, com o fato de ser Deus o fundamento do próprio conhecimento e do conhecimento em geral, assim como a cruzada contra o ceticismo e sua defesa de um racionalismo extremo.

De outro lado, e isso é importante frisar, nada disso diminui a importância da contribuição de Descartes à filosofia nem resta méritos ao que pessoalmente considero um dos textos intelectualmente mais desafiadores: as *Meditações de Filosofia Primeira*. Muitos textos desafiam à compreensão do leitor pela forma obscura em que foram redigidos. Mas o desafio que encontramos nas *Meditações* é puramente lógico, racional, e ninguém poderia lê-lo sem ficar com a sensação de que em algum lugar há um problema, sem podermos dizer onde se encontra.

Mas, por outro lado, penso ser necessário que façamos um esforço permanente para determinarmos essas influências entre filósofos que nem sempre são óbvias ou reconhecidas, a não ser passagens já clássicas como a do sonho dogmático de Kant e sua leitura de Hume ou os louvores que Hegel tece de alguns filósofos, como o faz com Heráclito. Seja como for, ao percebermos essas influências e proximidades nos adentramos mais na filosofia e na compreensão da origem de seus problemas. No caso de Descartes, as dúvidas não se limitam apenas à dúvida hiperbólica, mas a passagens centrais da argumentação cartesiana.

**Abstract:** This article discusses important passages in the work of St. Augustine and argues that many are the anticipations of theses commonly attributed to Descartes. Among them is a clear anticipation of the famous formula "I think, therefore I am" in the work of the Bishop of Hippo, as well as other important theses distributed throughout his work. In the second part, the text ends with another practically unknown fact: the meditative style employed by Descartes had also been anticipated by an author whose work was widely known in mid-16th and 17th century Europe. We are referring to the nun Teresa of Avila, who was canonized when the young Descartes was studying with the Jesuits at La Flèche. This raises the need to rethink the academic historiography that most of us were subjected to when we started our philosophical studies without having been exposed to the real sources of the central theses that we find in many classic works of philosophical thought.

**Keywords:** Saint Augustine, Teresa of Ávila, Descartes.

## Referências Bibliográficas

AGUSTÍN, Santo. *La verdadera religión*. In: *Obras de San Agustín*. T. IV. Madrid: La Editorial Católica, 1984.

AGOSTINHO. *De Duabus animabus contra manichaeos*. In: SCHAFF, Philip. *The Writings Against the Manichaeans and Against the Donatists*. New York: The Christian Literature Publishing Co., 1890.

AGOSTINHO. *Solilóquios e A vida feliz*. São Paulo: Paulos, 1988.

AGOSTINHO. *Da Trindade*. Trad. Frei Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus 1994.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2017(a).

AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, II. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2017(b).

CRAIG, David J. She thinks, therefore I am. *Columbia Magazine*, outono de 2017. Disponível em: <<https://magazine.columbia.edu/article/she-thinks-therefore-i-am>>.

GAMERO, Alejandro. La originalidad que Descartes le robó a Teresa de Jesús. *La Piedra de Sísifo*, 27/07/2017. Disponível em: <<https://lapiedradesisifo.com/2017/07/27/la-originalidad-que-descartes-le-robo-santa-teresa-de-jesus/>>.

GOLDHILL, Olivia. One of Descartes' most famous ideas was first articulated by a woman. *Quartz*, 13/05/2017. Disponível em: <<https://qz.com/982044/descartes-most-famous-idea-was-first-articulated-by-a-woman/>>.

GREEN, Terence. Teresa de Ávila (1515-1582). *Philosophy Now*, 2020. Disponível em: <[https://philosophynow.org/issues/138/Teresa\\_de\\_Avila\\_1515-1582](https://philosophynow.org/issues/138/Teresa_de_Avila_1515-1582)>.

MENN, Stephen. *Descartes and Augustin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MERCER, Christia. Descartes' debt to Teresa of Ávila, or why we should work on women in the history of philosophy. *Philosophical Studies*, n. 174, p. 1-16, 2016.